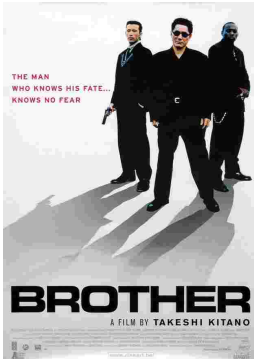


# FILM NOIR | em Agosto

## Auditório Costa da Caparica



25 Agosto, 21:30

### **BROTHER / IRMÃO**

de Takeshi Kitano

c/ Beat Takeshi e Omar Epps

108', Office Kitano, EUA-Japão, 2000

A primeira vez que o ocidente se deparou com Kitano no grande écran (passe a banalidade muito mais que o galicismo) foi num filme de Nagisa Oshima, de 1983, com as estrelas pop David Bowie e Ryuichi Sakamoto nos papéis principais. Tratava-se de um crossover onde, através de um melodrama homo-platónico entre dois oficiais dos dois defuntos Impérios da II Guerra, o ocidente se começava a ajoelhar perante o renascimento oriental - industrioso, disciplinado e com evidente excesso de liquidez.

Kitano era apenas o sargento-bode-expiatório que, exactamente no fim, mesmo antes de lhe cortarem a cabeça por crimes de guerra, dizia com um sorriso aparentemente persignado: **Mely Clismas Mister Lolence**. Apesar do toque patético, o filme não era uma comédia. No entanto, no Japão o público riu-se à gargalhada, pois Kitano era, até então, apenas reconhecido como um comediante famoso pelas suas piadas politicamente incorrectas em horário nobre.

Nesta altura da conversa convém esclarecer, caso ainda não tenham percebido, que Takeshi Kitano e Beat Takeshi são uma e a mesma pessoa. A mesmíssima que produz e escreve e realiza e protagoniza e edita filmes onde muitos vislumbram a herança do grande Kurosawa. E publica muita poesia. E faz rádio. E televisão. E pinta uma espécie de kitsch que vale uma pipa de massa na marchanderie internacional. E dá aulas na Tokyo University of the Arts. E fuma desalmadamente, à razão de pagar um assistente para lhe segurar o cinzeiro enquanto monta as suas múltiplas produções. E, ainda assim, desloca-se de lambreta pelo trânsito infernal de Tokyo. Não admira que, em 1994, um encontro nocturno com um automóvel lhe paralisasse metade da cara, uma tatuagem muito apropriada a este samurai do século XXI.

Um japonês, educado nas intrincadas regras do Bushido, está tão preso à fatalidade como um fadista vadio ao crucifixo peitoral de 24 quilates. E o fado japonês é todo ele feito, nos dias que correm, de samurais resignados à condição de yakuzas. Daqueles que se aliviam dos dedos mindinhos para sarar dívidas de honra. Ora bem, deslocalizar um soldado deste calibre para L.A., a cidade-arquétipo da decadência ocidental, um homem que não tem medo da morte e se ri do sofrimento físico, tinha que dar um filme onde a violência industrial se transforma em anedota. Perante a qual, com as tripas todas de fora, nós ocidentais nos rimos com a mesma desfaçatez com que os japonese se riram do sargento Hara na madrugada da sua decapitação.

Mishima suicidou-se em directo. O seu Japão imolou-se em Hiroshima. O Imperador casou-se com uma plebeia. A Nissan deixou-se comprar pela Renault. A Sony deixou-se fazer de conta que é americana. E Takeshi Kitano ri-se. **Mely Clismas, Mr Kitano.**

Produção: Nuno Bernardo e José Xavier Ezequiel,  
OUTROS OLHARES Associação Cultural  
Design: João Fernandes

Associação  
**Gandaia**  
Costa da Caparica

